



REDACTORES

DOMINGOS GUIMARÃES

JAO OTNIP



A JOIA

REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

DEDICADA ÀS DAMAS VIMARANENSES



REDACÇÃO

RUA DAS LAMELLAS

N.º 45



NUMERO 6

GUIMARÃES, 25 DE DEZEMBRO DE 1887

1.ª SÉRIE

SUMMARIO

Maninha, conto, por Julio Streech de Vasconcellos.
— *Reminiscencias do collegio Ursulino de Coimbra*,
por D. Elvira Areias. — *O Primo Henrique*, conto,
por D. Virginia d'Abreu. — *O Melhor Doutor*, conto,
por C. Gomes Alves. — *A Apotheose*. — *Meu Pae!*...
soneto, por Manuel Flores. — *M...*, soneto, por C.
Guimarães. — *Preciosidade*, soneto, por V. Oudinot.

O NATAL

A noite de natal é no perpassar dos dias
um momento em que o homem esquece o ma-
terialismo da vida para em torno dos entes
amados proclamar a santa poesia da Familia.

DOMINGOS GUIMARÃES.

Às suas gentillissimas leitoras

E ex.^{mas} assignantes

A REDACÇÃO DA JOIA

A
boas festas

MANINHA

Séria, com uma seriedade imprópria áquella idade, as pequeninas mãos escondidas no regalo de pelles quentes, acariciadoras, mirava-se ao grande espelho da mamã, envaidecia-se observando detidamente o perfil elegante do corpo mimoso e franzino, embevecia-se na contemplação de si propria, com um coquetismo de mulher já feita quando uns gritos ensurdecedores a fizeram estremecer.

— Maninha, Maninha, desce que o carro está á porta e a mamã está á espera.

Era o Raul um latagão de sete annos, gordo, entroncado trajando galhardamente o uniforme de marinheiro portuguez, o chapéu de oleado preso debaixo do queixo por uma fita e nos beijos nodosas gordurentas d'um pastel d'ovos que engulira ao passar pela sala de jantar.

A casa retumbava com o seu vo-

zear imperativo e os cães tremiam ao vel-o surgir no pateo, de chicote em punho, receiosos d'aquella colera infantil que os fustigava desapiedadamente quando atrelados ao carro nos puchavam rapido.

Arrojado como um leão, encarando de frente o temeroso perigo de saltar a pés junctos os quatro degraus da escada, disparando ousadamente a pistola de chumbo, precipitando-se na carreira apoz os gatos caseiros estremezia quando o olhar de Maninha o reprehendia suavemente fazendo-o desistir dos exercicios cynegeticos ou parar n'uma das suas arriscadas empresas.

Conhecia sua superioridade em forças phisicas; mas curvava-se humilde, muito submisso a todos os desejos d'ella, receioso de a contrariar, temendo vel-a adoecer como da outra vez quando lhe fez pedaços a boneca e que veio o medico receitar remedios e dizer gravemente.

— Se ella tivesse metade do san-

gue do Raul respondia pela cura. Como sabe, o sangue é vida e é o que lhe falta.

Quando apeando-se do carro, entrou na sala nobre do collegio que a Maninha frequentava e onde n'esse dia, em sessão festiva ia receber o primeiro premio pela distincção que obtivera no exame de francez, o Raul aprumava-se mais cheio de orgulho, muito vaidoso por aquelle triumpho. Parecia-lhe que se reflectia em si um pouco da gloria da irmã e quando esta se adiantou a receber das mãos do presidente, um titular distincto, um livro e uma corôa de louros levantou-se e de pé sobre a cadeira, agitando freneticamente o lenço, exclamava dominando com a voz infantil o turbilhão de palmas.

— E' a Maninha! E' a Maninha! Viva!

*

De volta a casa, levantou-se um vento frio, outoniço, e quando a pequenina premiada se recolheu ao

em nuyem de suave melancolia, cujo tenue vapor condensando-se em meus olhos, me deslisa pelas faces. E' que em meu peito não morre a saudade!

Povoa de Lanhoso.

D. ELYRIA AREIAS.

OS CONSELHOS DA MAMÃ

O PRIMO HENRIQUE

(Continuação)

— Como queres, retorquiu-lhe, que te responda, se tu não me dás logar? Ora diz-me, é então teu primo, Annitta, aquelle sympathico ancião? e o pequenito? — E' seu nêto, concluiu a Annita. Mas vamos, continuou ella, que tenho pressa de que traves conhecimento com o primo Henrique. E sem esperar que eu fizésse observação alguma, tomou o meu braço, e levou-me até

junto do Carvalho dos rouxinoes. Eu não lhe oppuz resistencia por quê, não sei que occulta attracção me impellia para aquelles dois entes, um no alvorecer da vida, e o outro prestes a desapparecer no caso. Ha sympathias que, melhor podem sentir-se, do que explicarem-se.

O velho percebeu sem duvida que a apresentação que a Annita lhe fazia, envolvia um gracejo; gracejo innocente, que elle assim interpretou, porque depois de me ter cumprimentado com amabilidade, sorriu bondosamente á Annita e disse-me: Gosta d'esta estouvada? Olhe que ella é tão creança como o meu Vasco, não lhe parece? Adivinava-se tanta bondade nas palavras do primo Henrique, que eu continuava encantada.

Sentamo-nos n'um banquito tosco que alli havia, e conversamos alguns instantes; mas a Annita, que não podia estar muito quieta levantou-se. — Vens? disse-me ella, vamos passear? Respondi-lhe sim-

plesmente: fico, e deixei-os ir reunir-se á irmã, que passeava com outras senhoras.

O primo Henrique parece que ficou penhorado com esta pequena prova de sympathia; conversou muito commigo mostrando-se sempre muito amavel e jovial, como se tivera menos 40 annos.

E foi assim que eu travei conhecimento com o primo Henrique; e insisto em chamar-lhe primo, porque queria sel-o, de todas as raparigas das suas relações.

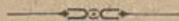
Por essa epocha da minha vida, era eu um tanto melancolica, e por isso, quasi sempre preferia a conversa do primo Henrique, entremeada de muitas observações e conselhos, á palestra ruidosa, um quasi nada anarchica, das minhas companheiras. Talvez cause admiração esta preferencia, porque, em geral, a conversação dos velhos é feita de saudades, não agrada, porque entristece; mas quem ouvisse fallar o bom velho, com o enthusiasmo de uma creança, e a bo-

nhomia de um pae, esquecia-se de que elle tinha 70 annos. Conhecendo elle, que eu o escutava com muita attenção, que me era agradavel ouvir-o, fallava-me da sua vida, de seus paes, de suas filhas, uma das quaes merrêra havia 3 annos, tendo enviuvado pouco antes e deixára ao pobre velho uma recordação preciosa, o seu Vasquito, retrato fiel da boa mãe. E o primo Henrique, quando isto me contava, estrangulavam-se-lhe as palavras na garganta! Mas, de pessoa alguma me fallava com tanto enthusiasmo, como de sua mãe! Conservava por ella uma ternura immensa! Animava-se, transformava-se-lhe a phisionomia, os olhos brilhavam-lhe, sempre que d'ella me fallava. Creia, dizia-me elle, não se passa um só dia, sem que eu agradeça a Deus, por ter-me dado tão boa mãe como tive. Ainda não me encontrei em situação alguma que não me valesse a recordação de um conselho de minha mãe; com elles eduquei minhas filhas, d'elles me tenho valido

na adversidade para orar implorando resignação, e na prosperidade, para dar graças a Deus. Ainda hoje, velho como estou, me guio por esses prudentes conselhos. Vou contar-lhe dois singelos episodios da minha vida de rapaz, para ter occasião de fallar-lhe muito de minha santa mãe.

(*Continúa*).

D. VIRGINIA D'ARREU.



O MELHOR DOUTOR

(*Continuação*)

Á meia noite em ponto, o doutor faz os seus signaes e manipulações pelos fios do seu telegrapho, e adquire no seu exercicio mysterioso, visos de nigromante.

Umaz pancadinhas dadas em diversos objectos fazem agitar desmesuradamente todas as campainhas e medidas, abre-se a porta sigilosamente e principia a ouvir-se os pas-

sos tremulos da região ossiquista que entra em forma a occupar os seus logares.

A' frente de todos, tocando a marcha n'uma caveira, vae um espectro de tenebrosa presença que levanta um rumor funebre.

Depois d'elle entrar, entra tambem, a dois e dois, o resto da comitiva que, já no laboratorio, vae dando ao redor do doutor, essa volta que executam os comparsas nos theatros.

A' medida que vae ficauo em ordem, cada esqueleto move com agilidade os pés e as conjuncturas.

As ossadas, presididas pelo doutor, tomam assento.

Feito o signal de abertura com uma espatula descarregada sobre uma caldeira, a assembleia dá solenne principio á sessão.

A discussão é a mesma que teve principio desde a origem remota dos seculos.

Um espectro expressa-se com divagações e incertezas; outro embrulha o debate apontando um estupen-

do processo; aquelle confia o methodo á mais larga resistencia da materia e ás formulas mais severas, este, finalmente, vota pela completa suppressão de medicamentos.

Tanto barulho, conseguem metter no cerebro do doutor, que este dá um tremendo *cachaço* na caldeira que sôa como o sino de um dos actos da *Norma*, e chama a assembleia á ordem com voz imperiosa.

Mas o concurso, então possuido de amor proprio, faz, espectro por espectro, echoar as suas glorias adquiridas para vêr se conseguem vencer o seu contrario.

— Eu inventei a anatomia, grita um, pondo-se em pé.

— Eu, uma grande serie de medicamentos modernos, accrescentou com não menos emphase que o primeiro.

— Eu, o systema da homeopathia.

— Eu, o *methodo de Raspail*.

— Alto lá, meus senhores. Eu supprimi a dôr humana com o chlorophormio.

— Bravo, muito bem! ouve-se por toda a sala, perante este poetico invento.

— Ordem, senhores esqueletos, ordem! grita furiosamente o doutor.

Mas não cessa o barulho, ou antes, cada vez augmenta mais.

Por este moderno preceito de discutir, cuja iniciação é ultra parlamentar, o laboratorio transforma-se n'um campo de horrivel lucta em que pharmacopeas e capsulas vão peio ar com uma rapidez vertiginosa.

Pouco depois o laboratorio não é senão um espantoso cahos onde as formulas revoltas ameaçam destruir a humanidade, onde o arsenico une o pó impalpavel á ferrugem dosapparelhos metallicos, e onde a sombra estende os seus negros e impenetraveis crepes.

O doutor, no meio do templo da sciencia, vê as luzes e as formulas por terra, as experiencias combatidas por provas vigorosas e tudo annunciando a aziaga destruição e ignorancia.

E nem por mais esta derrota de-

siste do seu intento. Symbolo da sabedoria, analysa e recompõe e marcha tenaz para o seu campo como a estrella que, segundo Goethe, anda sem pressa, mas segura e invariavel.

Conseguirá o seu proposito? Sem duvida, emquanto fórma e obtém as suas substancias, por cada minuto que decorre, desprende-se uma alma de cada corpo como flor despreendida de uma sorridente amendoeira, lá quando nos dias primaveraes dão os buris da chuva sobre a purissima neve das suas flores.

Foz do Douro.

C. GOMES ALVES.

A APOTHEOSE

Formosissimo numero unico commemorativo da inauguração do monumento de D. Affonso Henriques, que o nosso presado collega na redacção Domingos Guimarães, dando expansão ao seu patriotismo, publicou, com a collaboração dos mais distinctos escriptores.

MEU PAE...

Meu Pae!... meu Pae!... E' triste o meu fadario,
No qual não brilha um astro de ventura!...
Tenho o peito tão ermo e solitario
Como é frio esse pó da sepultura...

Morrestes, Pae!... Envolto no sudario
Foi o meu coração, toda a ventura...
Sem ti como subir a meu calvario
Cuja senda é funérea, triste, escura?...

Nas dobras da mortalha que te encerra
Eu quero estar também na fria terra,
Jazer junto de ti, meu pae amigo...

Venha a morte ceifar-me a existencia
Não pedirei perdão, nem clemencia,
Porque todo o meu bem é estar contigo!...

Santo Thyrso

MANUEL FLORES.

M...

A Bernardino Barboza Leão

Minha pobre alma, esteril, sem guarida,
um oceano profundo d'amargura,
era como a avesita entristecida
esvoaçando na treva densa e escura.

Era sombria e triste e dolorida,
sujeita ao furacão da desventura...
e nunca uma visão apeteçada
lhe suavisára a sina atroz e dura...

Quando depois a luz do teu olhar
a veio docemente illuminar
envolvendo-a n'um manto d'emoções

é que ella viu então alvorecer
entre um sorrir ardente de mulher
O sidereo arrebol das illusões...

Porto, 1887

CUSTODIO GUIMARÃES.

PRECIOSIDADE

No meu cofre immorredeiro,
Feito d'um sonho d'esp'rança,
Guardo um só cabello loiro
Da tua coma, creança.

Por isso a meiga lembrança
Do teu cabello côr d'oiro,
Cahido da tua trança,
Fez do meu cofre um thesoiro.

Vi-o rolar docemente
No teu seio. E alegremente
M'o dêste, assim... sonhadora...

Desde então, o teu olhar
Vem no meu cofre lançar
Scintillações d'uma aurora.

VIDAL OUDINOT.

EXPEDIENTE

Devido á grande agglomeração de materia, tivémos de retirar a *Chronica*, *Quinzena litteraria*, *Livros e jornaes* e bastantes artigos, do que pedimos desculpa aos seus brilhantes auctores.

A resolução de introduzirmos na nossa *Joia* importantes melhoramentos tanto na parte artistica como na litteraria, sem que por isso seja alterado o preço d'assignatura, obrigou-nos a demorar por algum tempo a publicação d'este numero que vem fechar a 1.^a série do nosso jornal.

Com o anno que vae entrar, começaremos a 2.^a série e emprehenderemos tambem as modificações que temos em vista, dando aos nossos ex.^{mos} assignantes como brinde o jornal augmentado em formato e dotado com algumas secções inteiramente modernas, pelo preço que até hoje o tinham.

E na intenção de tornar completo quanto possível o nosso já esplendido quadro de collaboração composto das mais notaveis vocações da geração moderna, temos o prazer de noticiar aos nossos estimaveis assignantes, que a *Joia* breve contará na lista dos seus collaboradores os vultos mais distinctos da nossa litteratura, entre os quaes

o dos talentos femininos mais esplendorosos da actualidade.

DOMINGOS GUILMARÃES

A APOTHÉOSE

Jornal commemerativo da inauguração da estatua a

D. AFFONSO HENRIQUES

Edição de luxo, magnifico papel, 12 paginas de texto
200 réis cada exemplar

Pedidos á redacção da JOIA. Abatimento consideravel para revender.

O RECREIO

Almanach Litterario e Charadistico

Para 1888 (2.^o anno)

A venda nas principaes livrarias de Lisboa. Remette se pelo correio á quem enviar 215 em estampilhas.

O RECREIO

Revista Litteraria e Charadistica

Publica-se um numero cada semana, contendo 16 paginas a duas columnas, edição nitida. Cada série (26 numeros) 580 rs. Assigna-se em Lisboa, rua Nova de S. Mamede, 26, 2.^o

Typ. Rua Nova de S. Mamede, 26. Lisboa.